

Ulysses prefere o estadista

SERVIÇO LOCAL E AGÊNCIA ESTADO

"Prefiro ficar com as primeiras declarações do presidente Figueiredo, que são as realmente corretas para um chefe da Nação", disse ontem em São Paulo o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, ao saber que Figueiredo reclamara de ter sido mal interpretado quando afirmou não ser malufista. Em todo o País, apesar das novas explicações dadas pelo presidente, a declaração da véspera continuou a causar impacto.

Ulysses Guimarães completou seu raciocínio, ressaltando que considerava mais apropriado o general Figueiredo ter dito que não era malufista, porque "o presidente da República pode apoiar o candidato de seu partido, mas não pode envolver a máquina administrativa na campanha".

Em Brasília, o ministro da Marinha, Alfredo Karam, primeiro reconheceu que estava fugindo da imprensa para não comentar a frase. Depois, concordou em falar sobre política, mas ressaltou que não estava dando sua opinião sobre as declarações feitas anteontem por Figueiredo. "O presidente é pedessista", destacou o ministro. Sobre a situação geral do País, usou uma metáfora da Marinha, mencionando um vento que costuma trazer perigo para os navios: "Não nos causa preocupação o Sudoeste, desde que estejamos preparados para enfrentá-lo".

Demonstrando não estar muito à vontade com a pergunta, o ministro Délio Jardim de Mattos, da Aeronáutica, comentou no Rio que o presidente Figueiredo "é um homem de partido". Os repórteres emendaram e quiseram saber a opinião dele sobre a possibilidade de um endurecimento militar: "As perguntas que vocês fazem não são muito claras. Vocês me perguntam se vai haver golpe. Leiam a Constituição. O presidente é um homem de partido. O candidato do partido é o senhor Maluf. Então, se o presidente malufou, se tancredou, isso é outra coisa".

Délio garantiu ainda desconhecer intrigas dentro do governo envolvendo o ministro Leitão de Abreu, que seria substituído por se mostrar distanciado da campanha do candidato oficial. "Desconheço totalmente o caso — assegurou o ministro da Aeronáutica — e do que tomei conhecimento foi o desmentido do presidente Figueiredo de que o dr. Leitão estivesse para sair do cargo." Por fim, Délio garantiu que a sucessão vai ocorrer dentro do plano traçado por Figueiredo, de fazer do País uma democracia: "Se vocês têm dúvidas,

queiram ou não queiram, isso vai acontecer".

Muitos representantes do governo compareceram ontem ao Itamaraty, onde o Ministério dos Transportes distribuiu medalhas da Cruz de Mauá. Ao final, quase todos escaparam das perguntas dos repórteres sobre as declarações de Figueiredo. Solitário entre as autoridades, o presidente do Congresso, senador Moacyr Dalla, tentava explicar que o presidente da República tinha razão. "Não somos malufistas. Nós temos, sim, fidelidade a um partido. Fosse quem fosse o escolhido na convenção, Maluf, Andreazza, o partido teria nosso apoio", defendeu.

A seu ver, a palavra "malufismo" serve para designar os adeptos da candidatura do PDS. "Nesse caso — provocou um jornalista — o presidente Figueiredo não é adepto?"



Arquivo

Ulysses Guimarães



Arquivo

Alfredo Karam

Dalla alegou que o presidente afirmara que não é malufista, mas acompanha o partido. O senador assinou que não vê nenhuma diferença entre ser malufista e ser pedessista.

O ministro César Cals, de Minas e Energia, também deu sua interpretação, em Salvador. "Entendo o presidente — afirmou —, pois a posição dele é igual à minha e à dos 33 deputados e senadores que me acompanharam no apoio a Maluf. Só é malufista quem é liderado de Paulo Maluf. O presidente, dando uma demonstração de espírito democrático, está apoiando o candidato em respeito ao resultado da convenção do PDS. Então nós não somos malufistas."

Cals assegurou que fez algumas exigências para entrar no time de Maluf, como a reforma tributária, nova Constituição, redução do mandato presidencial para quatro anos e eleições diretas em todos os níveis.

Em nome da liderança do governo na Câmara, o deputado malufista Joacil Pereira (PB) censurou a atuação da imprensa no episódio das declarações presidenciais. "A imprensa brasileira, pela sua tradição de cultura e de honradez, deveria-se preocupar com coisas mais sérias e não com miudezas desse jaez. Essas perguntas pequeninas não estão à altura da grandeza e seriedade do jornalismo brasileiro", reclamou o parlamentar.

Outro deputado malufista, Ernani Satyro (PDS-PB), acompanhou a crítica, argumentando que "tudo isso tem sido culpa dos repórteres, da imprensa, que faz isso de propósito, tudo engajado".

Já para o peemedebista Juarez Bernardes (GO), a afirmação de Figueiredo de que não é malufista deixou até seus auxiliares mais próximos sem condições "de remendar o que foi dito". Segundo o parlamentar, o candidato do PDS ainda continua na esperança de que o governo vá colocar a máquina administrativa a favor de sua campanha, como também espera a adesão total dos ministros e suas Pastas, para servir de cabide de emprego a delegados ao colégio eleitoral.

"Nós, da oposição — prosseguiu Bernardes — confiamos nos passos que nortearão o caminho do presidente da República até a posse de seu sucessor. Ele prometeu apoiar o candidato vencedor do seu partido na convenção, apesar de o escolhido não levar sua simpatia pessoal. Mas achamos que ele não aceitará imposições para colocar a máquina do governo, e muito menos seus auxiliares diretos, dando apenas seu apoio formal."